Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2734unse

ANO XXVII—Brasil - E. S. Paulo—Matão, 15 de Abril-Maio de 1951—N. 3-4

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

A Propósito da Reencarnação . . — *Redação*
Iniciação Espírita . . . . . — *Arnaldo S. Thiago*
A Assombrosa História do Menino que não estava presente . . . . — *Franz Niesert*
Três Médiuns . . . . . — *Ismael Gomes Braga*
As Supostas Fraudes Espíritas — O Músculo Rangedor . . . . . — *J. B. Chagas*
Os Novos Missionários . . . . . — *Viriato Carneiro Lopes*
Livros e Autores . . . . . — *Leopoldo Machado*
Mediunidade e as Vibrações Intensificadas . . . . . — *Max Kohleisen*
Crônica Estrangeira . . . . . — *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . — *Redação*
Necrológio . . . . . — *Amadeu Santos*

Aos Nossos Prezados Assinantes

Em virtude da grande alta verificada ultimamente no preço do papel e dos demais materiais necessários à impressão, somos forçados a aumentar o preço das assinaturas da «Revista Internacional do Espiritismo» afim de podermos sustentar a propaganda da Doutrina, condicionada ás possibilidades de ordem econômica, portanto, de ordem material, como todos sabem.

Vimos lutando com grandes dificuldades financeiras para manter êste órgão, dificuldades agora agravadas com a inesperada e enorme alta do preço do papel e dos materiais tipográficos, e não temos outro remédio sinão aumentar o preço das assinaturas, única e pequena fonte de renda de que podemos lançar mão para a manutenção da propaganda.

E' provável que alguns assinantes não concordem com o aumento do preço das assinaturas, ignorando o nosso trabalho e espírito de sacrifício em face das dificuldades, mas os que duvidarem dêste nosso apêlo, poderão vir a esta redação afim de se certificarem da verdade com os seus próprios olhos.

Cremos que o espírita que realmente deseje cooperar para a marcha da propaganda, agora mais acelerada do que nunca, não nos negará o seu estímulo concordando com esta nossa justa determinação. Muitos jornais, pela mesma razão, já aumentaram o preço das assinaturas, e os que o não fizerem terão que fatalmente desaparecer mais hoje ou mais amanhã, a menos que tenham outras fontes de renda além das assinaturas. Não publicamos anúncios para reservar espaço aos artigos e nem cobramos notícias, e se o fizessemos não seria necessário aumentar mais o preço das assinaturas.

O novo preço das assinaturas da «Revista Internacional do Espiritismo», desta data em diante, é o seguinte:

Porte Simples: por ano, Cr. $ 40,00; Por semestre, Cr. $ 20,00. Porte Registrado: por ano, Cr. $ 50,00; Por semestre, Cr. $ 25,00.

Contamos, portanto, com o beneplacito dos nossos prezados assinantes.

A REDAÇÃO.

ANO XXVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril-Maio de 1951 — NUM. 3-4

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

A Propósito da Reencarnação

A reencarnação não é um dogma criado pela imaginação do homem, não saíu de concílios humanos como artigo de fé. E' uma lei tão natural como a da procreação. O Espiritismo veiu revelar essa lei desconhecida pelas religiões dominantes, portanto, por aqueles que, seguindo ditas religiões, são indiferentes aos problemas vitais do espírito, confiando a sua salvação, que no sentido espírita quer dizer *evolução*, aos dogmas, sacramentos e cultos de suas religiões. Por isso não procuram a Verdade, não estudam, não perquirem e ainda se insurgem contra aqueles que, ávidos de saber, buscam a solução dos magnos problemas da vida, entre os quais o da religião. Quando se lhes fala em reencarnação, mostram-se escandalizados como escandalizados se mostraram até muitos discípulos de Jesus, os quais diziam: «Duro é êste discurso, quem o póde ouvir?» E' que as palavras de Jesus, que teve por tarefa revelar a Verdade através de seus ensinos, exemplos e feitos, não tinham cabimento em seus corações e cérebros. E eram discípulos de Jesus. Que dizer então dos judeus e saduceus fanáticos? Por isso não nos surpreende certa corrente espiritualista ao não aceitar a reencarnação.

Aos que não admitem a reencarnação perguntamos: como explicar então as desigualdades humanas, as idéias e aptidões inatas, não se aceitando, é claro, a velha válvula de escapamento chamada «mistérios de Deus», porque não existem mistérios, mas sim leis naturais desconhecidas? Temos certeza de que, além dos espíritas, não existem teólogos, cientistas e filósofos capazes de nos darem uma resposta convincente, baseada em factos realmente admissíveis. A interrogação ficará de pé desafiando os que tudo pretendem saber mas nada explicam, porque na realidade nada entendem da questão. E por não entenderem, limitam-se a negar, ou quando muito apresentam suposições, que se esvaem como bôlhas de sabão quando a lógica e o raciocínio entram em ação.

Se não ha reencarnação e sendo Deus, nosso Creador, nosso único e verdadeiro Pai, infinitamente justo, equitativo, devendo portanto amar todas as creaturas, seus filhos, indistintamente, como cria Êle nêste mundo uns filhos bons, outros maus; uns ricos, outros pobres e até muitos na mais completa miséria; uns vendendo saude a granel, outros doentes a vida inteira, muitos sem se poderem mexer na cama, sofrendo as maiores dores; uns brancos, outros pretos? Qual o pai terreno que, se lhe fôsse possível, como possível tudo é a Deus, não daria a todos os filhos indistintamente, riqueza, sabedoria e saude? Para falar

a verdade, nêste caso o pai terreno revela-se muito mais justo e amoroso do que Deus, que ainda erra mais quando já tem preparado um inferno eterno para os filhos que, por ignorância, são maus ou perversos, porque não tiveram a ventura de ser criados como muito dos outros irmãos, isto é, inteligentes, bons, caridosos. E perguntamos: qual o pai terreno capaz de jogar o filho numa fornalha sem lhe dar oportunidade para rehabilitar-se? Onde está êsse pai desalmado? E no entanto afirma certa religião dominante, a chamada religião da maioria, que Deus, que é amor, segundo afirma o Apóstolo Paulo, castiga eternamente as creaturas recalcitrantes, seus filhos, jogando-os nos caldeirões de um inferno igualmente eterno. Considerando que nêste mundo ha mais pecadores do que justos, por exemplo noventa e nove pecadores para um justo, o inferno deve estar abarrotado e o céu quasi vazio. Quer dizer que o diabo tem mais fôrça do que Deus, que sendo onipotente, onisciente e presciente não podia ter criado o diabo. E se não o criou, de onde veiu o diabo, como poude êle burlar a vigilância de Deus? Poderão nos apresentar o conhecido argumento muito infantil segundo o qual o diabo é um anjo decaído. E' paradoxal! Um anjo para ser anjo precisa ter todas as virtudes, «uma doçura angélica de suma bondade ou beleza: que faz tudo com a maior perfeição», diz o Dicionário. Se faz tudo com a maior perfeição, como póde o anjo proceder de modo a tornar-se um diabo? Seria o mesmo que admitir que o nosso século, chamado «século das luzes», se transformasse, de um momento para outro, nas éras primitivas da creação, o que seria um absurdo, considerando-se que o progresso deixaria de ser progresso se tivesse efeito retroativo.

Quer queiram quer não os obstinados opositores, a reencarnação é um facto, e um facto tão natural como o progresso. Ela constitue oportunidades que Deus dá aos seus filhos para se reabilitarem. Jesus disse que Deus não quer a morte do ímpio, mas sim, que êle se converta e se salve. E a Nicodemos afirmou: «Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer da água e do Espírito, não póde entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne, é carne; e o que é nascido do Espírito, é espírito. Não te maravilhes de eu te dizer: É-vos necessário nascer de novo». Esta proposição de Jesus ficou ainda mais clara com esta outra de Allan Kardec: «Nascer, morrer, renascer ainda, progredir sempre, tal é a lei».

A reencarnação é a única prova da justiça de Deus. Sem esta prova não se compreende as desigualdades humanas, considerando-se que Deus não póde agir com parcialidade, criando sêres votados ao bem e outros ao mal, uns felizes e outros infelizes, tanto mais que o raciocínio nos diz que ninguém pediu para ser creado. Agora sim, com a reencarnação, sabemos que o espírito tem oportunidades para se reabilitar, para se aperfeiçoar, para buscar Deus através das virtudes que forçosamente ha de adquirir nas encarnações, até o ponto de não lhe ser mais necessário reencarnar nêste mundo, a não ser como missionário, como Jesus o foi. Mundos realmente felizes, dos quais não podemos fazer siquer uma pálida idéia, tal a sua grandeza, mundos que representam as «muitas moradas da casa do Pai», segundo Jesus, o esperam no seio da eterna e suprema felicidade, que representa, a seu turno, aquela «medida recalcada, transbordando» com que Deus recompensa os que ao seu reino chegarem pelo amor.

A reencarnação, ainda que não existissem provas, está dentro da lógica, visto como nos poucos anos que a creatura vive nêste mundo, o escasso tempo não lhe dá tempo para livrar-se dos seus defeitos, vícios ou imperfeições, de maneira a ingressar no reino de Deus, quando deixar êste mundo. A's vezes, nem mesmo o simples vício de fumar, que só a ela prejudica, a creatura não encontra fôrças para abandoná-lo. Imagine-se, agora, os vícios maiores, os defeitos e imperfeições, tais como o egoísmo, o orgulho, a vaidade, a inveja, etc. Quantas reencarnações não são necessárias ao espírito para poder libertar-se disso tudo! Quantas reencarnações não lhe são necessárias para resgatar faltas passadas! Entretanto, as reencarnações podem ser abreviadas com a bôa vontade e esfôrço do espírito no sentido da prática do Bem, segundo a moral evangélica.

A reencarnação obriga o espírito a fazer o seu aperfeiçoamento moral, intelectual e espiritual, tanto mais que o

progresso é uma fôrça, uma lei de Deus, por isso ninguém jamais estacionará na estrada da evolução. O facto do indivíduo não se recordar do que passou nas vidas passadas é mais uma prova do amor e da sabedoria de Deus. Imagine-se a situação da creatura ao se recordar por exemplo, que na última existência perseguiu e matou um seu desafeto, que agora é seu pai ou filho, ou amigo! Os miseráveis, os pobres, os párias têm faltas a resgatar, e no resgate dessas faltas é que está a aquisição do aperfeiçoamento moral. O rico que faz bom uso da sua fortuna em proveito dos seus semelhantes, não será o pária, o pobre, o miserável de amnhã. Mas o rico que faz mau uso da sua riqueza, empregando-a no mal, será isso tudo. O mesmo sucederá aos poderosos da terra, aos sábios, aos orgulhosos, aos egoìstas, aos avarentos, aos que se lucupletam com o suor alheio, usando de meios escusos.

Não faltam testemunhos a favor da reencarnação. As idéias, as aptidões, os conhecimentos inatos que os gênios precoces, «meninos prodígios» revelam e que tanto têm confundido os sábios de todos os matizes, constituem provas da reencarnação. Onde um menino foi buscar conhecimento de música, como por exemplo Mozart, que aos 6 anos já era um prodígio de execução, e tantos outros meninos mais ou menos da mesma idade? Se nunca aprenderam música, mesmo porque a sua idade não o permitiria, e regiam orquestras famosas, como explicar o facto a não ser pela reencarnação? E' que recordaram-se do que aqui aprenderam na ultima existência terrena. As aptidões e idéias inatas, que creanças e adultos possuem, intuição do que aprenderam na última existência, constituem, como dissemos, provas da reencarnação.

Oportunamente estudaremos outros aspectos de tão importante questão.

Iniciação Espírita

Arnaldo S. Thiago

Das mãos da presidente do Centro Espírita «Caridade de Jesus», nesta tricentenária cidade de São Francisco, recebí para ler o interessante livro cujo titulo encima esta página. Por êle tive conhecimento do que se está fazendo em São Paulo a respeito dessa obra, a que se propõe o Espiritismo, de manter viva, nos espíritos encarnados, a chama sagrada da espiritualidade, constantemente abafada pelos prejuisos de uma civilização abastardada pela descrença e desprêzo às boas regras da verdadeira religiosidade.

Batendo-nos como leões por êsse critério espírita, o que nos valeu tremendas provações que culminaram no conclave espírita da CEPA, reunido na capital da Republica, foi com imenso júbilo que tomámos conhecimento do que se processa na capital bandeirante e que consiste em superar, na prática, a ação dissolvente, exercida em larga escala na sociedade hodierna (e mesmo encampada por alguns dos nossos) contra a eficiência das Santas Escrituras, no que concerne ao bom discernimento das cousas do Espírito.

Sem Evangelho não há iniciação espirita! Bem o compreenderam os nossos irmãos paulistas, lançando-se à pugna com aquele valor de que deram exemplo os bandeirantes, em pugnas arrojadas e tenacidade sem par.

No «Tereza de Jesus», do Rio de Janeiro, a serviço dos internados naquele orfanato, estamos desde alguns anos realizando um curso das Sagradas Letras, acompanhado tambem por alguns irmãos de boa vontade, que nos prestigiam com o seu comparecimento, entre os quais os diretores do estabelecimento. Os resultados dêsse curso, para nós, pessoalmente, têm sido admiráveis! Dúvidas, objeções, carências de entendimento, que nos torturavam, foram desaparecendo à luz sublime dos ensinamentos contidos nesse manancial imenso de religiosidade, que é a Bíblia — e hoje fruimos uma certeza íntima das cousas espirituais, que é como que o vestíbulo dessa vida isenta de constrangimentos carnais, em que dentro em breve tere-

mos, de novo, de imergir, para a satisfação de íntimos propósitos de labôr mais intenso do que êste que desempenhamos como encarnados.

Damos o nosso testemunho pessoal, a bem da verdade, porque o dos outros irmãos que nos acompanham, só êles o poderão dar. Damo-lo, para certificar, com conhecimento de causa, do importantissimo trabalho que estão desempenhando os nossos irmãos paulistas e a que se propôs a Faculdade Brasileira de Estudos Psíquicos, felizmente ainda em atividade no Rio de Janeiro. O nosso «Comentário à História das Religiões», foi, exatamente como a «Iniciação Espírita», consequência do exercício dêsse ministério suave de expôr os belos ensinamentos da Religião aos que têm sêde de conhecer as eternas verdades, que realizarão na humanidade, hoje conturbada pelo flagelo do materialismo, o Reino de Deus, isto é, a união fraterna de todos os homens para o cumprimento das promessas do Cristo.

O corpo docente da Escola de Iniciação Espírita, no qual figuram Vinicius. Edgard Armond, Carlos Jordão, Godoi Paiva, Manso Vieira, Iracema Martins, vem demonstrando esfôrço abençoado no bom desempenho de seus encargos. Uma ou outra objeção que se poderia fazer a certas conclusões, aparentemente adotadas como axiomáticas e que ainda devem permanecer no terreno das conjeturas, não inquinam de cerebrinas tais conclusões, porque a feição didática do curso exige que o ensino seja assim ministrado. Tais objeções cabem simplesmente à critica bem intencionada. Abalançamo-nos, por isso, a fazer restrições a alguns principios como, por exemplo, o de que «os espíritos são emanações da Divindade», o que, aliás, corresponde ao modo de dizer de Gabriel Delanne. A nossa restrição significa, porém, simplesmente, que interpretamos o têrmo *emanações* (pag. 28), não no sentido científico restrito que se dá à palavra, mas no sentido de «criação pela Vontrade de Deus, sublime fonte do infinito Amor». Conjetura apenas é a de que a humanidade terrestre ascende ao numero de 7 bilhões de sêres. Nós preferimos o de mais ou menos o duplo dos que se acham encarnados, atendendo a razões de estatística.

A questão dos antepassados do homem, está exposta com algumas contradições: Se «as fôrças espirituais, que dirigem os fenômenos terrestres, sob a orientação do Cristo, estabeleceram, na época da grande maleabilidade dos elementos materiais, uma linhagem definitiva para todas as espécies, dentro das quais o princípio espiritual encontraria o processo do seu acrisolamento em marcha para a racionalidade» (pags. 37 a 38), não vemos porque tenha sido «a criação da raça humana, iniciada com a PRIMEIRA RAÇA-MÃE, consumada fóra da Terra» (pag. 39), em contradição com a afirmativa plausível de João, citada à pag. 42: «Meu espírito não via o homem do Paraíso; via muito menos que o homem, coisa pouco mais que um animal superior», etc. Essa importante comunicação do Evangelista, é digna de ser considerada como revelação oportuna, objetivando dirimir antiga controvérsia nesses domínios da Ciência. Aceitando-a, teremos de concordar, em princípio, com as doutrinas de Darwin e dos seus defensores, doutrina que a Revelação Espírita veio ampliar e esclarecer fundamentalmente, nunca, porém, contradizer.

Há uma dolorosa consideração a fazer, a respeito do estado em que se encontrava o homem primitivo, segundo o mesmo depoimento de João:

«A família existe pela carne; a sociedade existe pela fôrça» (pag. 43).

Essa dolorosa consideração é a de que chegámos, por efeito do aviltante materialismo do século e sofisticação do princípio religioso, a um estado social a que se póde aplicar o mesmo conceito: a família existe pela carne; a sociedade existe pela fôrça.

Sôbre a humanidade, assim restituida à idade dos homens primitivos, estende o Divino Mestre o seu manto de misericórdia, conclamando os de bôa vontade ao trabalho árduo e estenuante de restaurar, nos corações, pela educação, os eternos princípios da moral evangélica. A Escola de Aprendizes do Evangelho está desenvolvendo seus esforços no sentido de propugnar por essa grande obra de salvação, que é de educação, segundo todos o entendemos, com o circunspecto Vinicius.

Essa obra tem a sua máxima eficácia nos lares, especialmente pelo instrumento divino do coração da mulher.

A mãe de família é a grande responsável pela formação moral dos sêres racionais que lhe são confiados. Desgraçadamente, os costumes alienígenas implantaram na sociedade brasileira o mau vêzo de conduzir as construtoras de lares para fóra do seu ambiente próprio, induzindo-as a concorrer com os homens nos misteres da conquista econômica que se elevou à categoria de função primacial da espécie, no conjunto dos deveres que pesam sôbre os sêres inteligentes, tendo como consequência a regressão à vida instintiva, na qual sobrelevam as funções de conservação e reprodução da espécie.

Nada é possivel fazer de prático, em sentido espiritual, numa sociedade que regride voluntariamente aos primórdios da vida racional, quando é a razão ainda aplicada exclusivamente a essas duas funções iniciais da espécie.

O quadro é aterrador ! Chamados a operar, para iluminação do Espírito, num meio social que, a seu livre arbítrio, recuou tantos milhões de séculos no passado, o trabalho dos pioneiros modernos do ideal do Divino Mestre, só pode ser comparado ao de Sisifo. Daí amarguras íntimas, que só não as sentem os que, sectaristas apenas, nenhum interêsse moral têm nos bons resultados da obra que executam, obra conturbada, nos lares, por elementos que dificultam a ação benfazeja em pról da restauração do lídimo espírito do Evangelho ; na sociedade, pela subversão completa dos valores, prestigiados os que dispõem de recursos econômicos para explorarem as massas e corromperem as consciências ; desprezados os que se mantém firmes e intransigentes no respeito às Leis de Deus e aos desìgnios sublimes do seu Emissário Celeste.

Aplaudo, com tôdas as fôrças da minha alma, a iniciativa oportuníssima dos novos bandeirantes espìritas que propugnam, agora, pelo desbravamento da *selva selvática* do coração humano, inçada de vìboras venenosas e feras truculentas, para descobrirem nele o dourado filão das energias latentes do Espírito ; aplausos que desejo acentuar com esta crítica bem intencionada, através da qual acrescentarei, ao que ja foi dito, o seguinte, relativamente às passagens que passarei a enumerar. Paginas 50 a 51 : «A êsse tempo os espíritos prepostos do Divino Mestre já haviam conseguido estabelecer nas tribus da 3.a raça em várias regiões do Globo, nucleos selecionados, apurados, de homens apropriados a receberem êsses espíritos exilados que, por serem mais desenvolvidos intelectualmente, exigiam corpos fìsicos apropriados. Nesses corpos selecionados começaram então os capelínos a encarnar.»

Não esqueçamos que a inteligência do enunciado deve ser dada pela doutrina evolucionista, à luz do Espiritismo : o Espìrito é quem apropria o organismo às suas necessidades.

Pag. 51 : «Os antigos da nossa era os chamavam de pre-selenistas porque no seu tempo ainda não havia surgido a lua como satélite da Terra». Parece-me que, segundo a teoria de Laplace, adotada pelo Comandante Edgard Armond (Formação do sistema planetário, pag. 25), a formação do nosso satélite foi contemporânea do desprendimento, da nebulosa central, daquela porção de massa gasosa que produziu o nosso planeta. Visto isso, por ser a sua massa muito menor, a lua atingiu ao seu completo resfriamento em uma data muito anterior à da Terra.

Pag. 84 : Os 40 anos de peregrinação pelo deserto, foram necessários ao povo hebreu para habituar-se ao culto do Deus único, pois que praticava no Egito o Politeismo popular, embora monoteista fosse a Doutrina secreta dos Iniciados, vedada ao conhecimento do vulgo.

Estas pequenas observações indicam o grande valor que atribuo à obra ingente dos irmãos paulistanos.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :

1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

A Assombrosa História do Menino que não estava presente !

«The Two Worlds» — Por FRANZ NIESERT.

Apareceu num grupo fotográfico de família, um «extra» de espírito, de admirável nitidez, que os enterneceu !

O fotógrafo que obteve o surpreendente retrato aquí reproduzido, era um negociante comum. Êle mora e tem seu estabelecimento em Tarutino, Bessarábi, no Sudoeste da Russia, onde também exerce outros misteres, entre os quais o de fotógrafo.

O CHAMADO

Quando entregue a seus afazeres comerciais, a esposa de um fazendeiro convidou-o a tirar o retrato de três crianças, suas três filhas.

O fotógrafo não podia incluír o pequeno menino no grupo, e não o podia fazer porque êsse outro filho não podia estar presente em corpo e isto pelo facto de ter «morrido» algum tempo antes !

O fotógrafo simplesmente tirou o retrato das três meninas pelo processo habitual, exatamente como o faria ao executar qualquer incumbência do gênero.

Mesmo ao desenvolver a chapa, êle não percebeu qualquer ocorrência estranha.

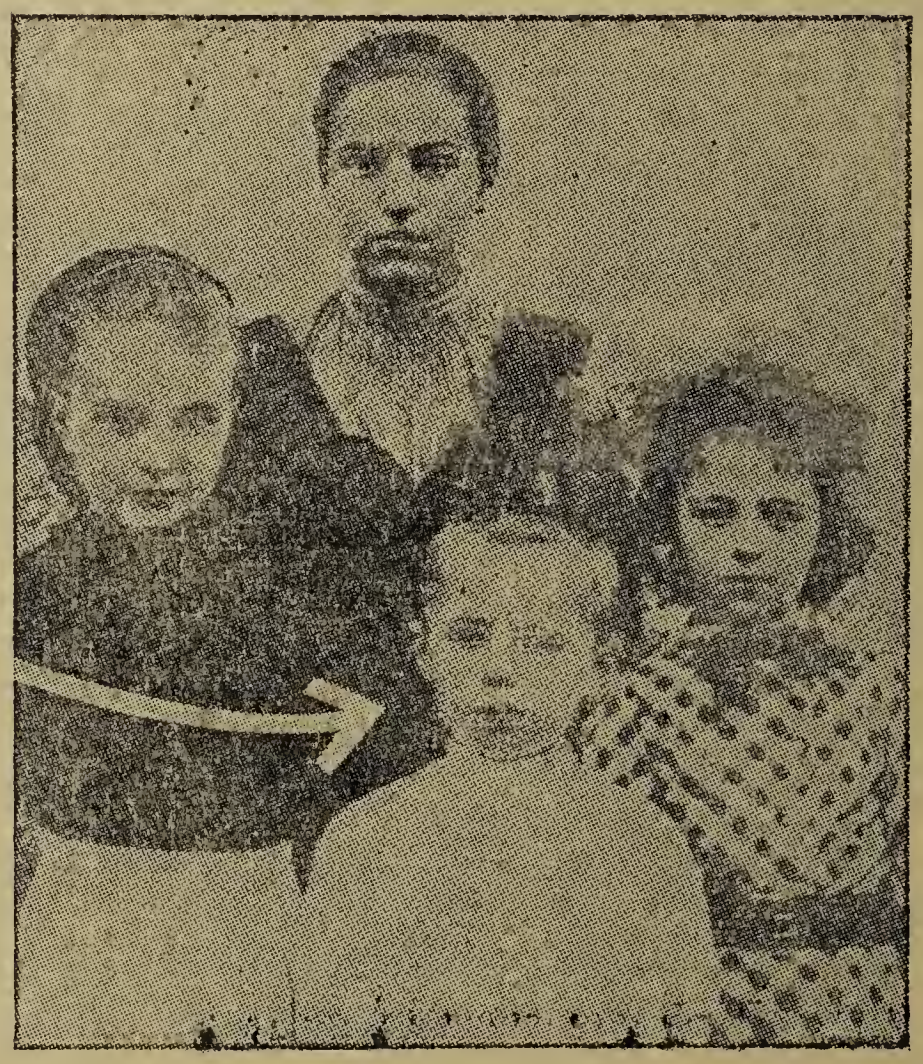
E porque devia notá-la ?

Além de tudo, êle era um fotógrafo e havia fotografado inúmeros grupos, no decurso de seu trabalho — não havia razão para que se lembrasse de qualquer detalhe particular referente ao grupo em aprêço.

O retrato foi remetido aos pais que, depois de examiná-lo, deram com a maravilha do ocorrido.

ENTERNECIDOS

Os pais sentiram-se enternecidos (lassitude) ! A princípio queriam devolver a fotografia, recusá-la. Inenarrável o seu assombro — pois, entre as três meninas estava uma quarta figura, a semelhança perfeita do filho mais novo, que



deixára a vida material havia algum tempo

Toda família sentiu-se chocada. Três foram as crianças, todas meninas, colocadas diante da objetiva, mas apareceram quatro, sendo o quarto o menino já falecido !

(Nota — E' preciso mencionar que a fotografia e o ocorrido foram submetidos a rigoroso exame por um físico e um Juiz).

Três Médiuns

Por Ismael Gomes Braga

IX

A sessão de 13 de Julho de 1950 realiza-se no lar dos esposos Cavalcanti com a presença de 15 Sras. e 9 homens. Os mesmos preparativos, inclusive parafina e água que não foram tocadas pelas entidades.

Terminada a prece, ouvimos a voz de Atanásio que diz: «Graças a Deus! Depois interroga: «Maria, como se liga isto?»

—Ora, Atanásio, é apertando o botãozinho. Você já ligou essa vitrola.

—Sim; mas a gente esquece! Maria, foi você quem escolheu os discos? Pois não sabe escolher!

—Pois você escolha outros. No armário ha muitos.

—Já estou escolhendo; retrucou Atanásio e, no fim da sessão, os discos que se achavam no armário encontram-se espalhados por tôda a parte. Um cavalheiro diz:

—Atanásio, eu já estava com saudades de você.

— Com saudade de mim? Então porque não me escreveu?

Uma Sra. pede a Atanásio para ir fazer uma visita, porém êle interrompe impaciente: «Já sei onde é, é lá onde o Cosme vai fazer sessão»...

A dama corrige: «Não»; e dá um endereço.

—Será que eles lá me recebem? interroga Atanásio.

—Sem dúvida, e com muito carinho.

—Não sei se o Vigário virá hoje. Se não vier, teremos que encerrar a sessão. Depois, terça-feira, faremos sessão aqui e quinta-feira na casa do Ismael. O Cosme tem que descansar três dias, porque êle está muito esgotado e está fazendo sessões sem ordem do Vigário. Êle é muito teimoso e desobediente. Vou tocar um disco que representa a vida do Cosme.

A vitrola põe-se a tocar um Fox Trot que canta: «Gi-ri-bi-ri-bi! Gi-ri-bi-ri-bi!» E Atanásio interroga: «O que é isto?» Ninguém responde.

—Agora vou escolher um disco para o Sr. Alfredo. Soa um disco com um canto sacro, de que o Sr. Cavalcanti gosta muito.

Foi colada à trombeta de aluminio uma espiral de esparadrapo recoberto por uma substância fosforescente, de modo que o megafone fica muito visivel no escuro. Atanásio se acha materializado e quando se interpõe entre mim e a trombeta, me impede de ver a espiral luminosa. Dir-se-ia um homem de carne e ossos como qualquer de nós, mas com a faculdade maravilhosa de ver no escuro absoluto.

A entidade faz-me carícias sôbre a fronte e pede a D. Maria Cavalcanti para rezar o «Pai Nosso» e a «Prece de Cáritas». Enquanto ela ora, o quadro luminoso se eleva no ar marcando o compasso da música de dança que está sendo executada pela vitrola. Toca o tecto em diversos pontos, depois desce e é entregue a um assistente que agradece. Eleva-se a trombeta de alumínio com sua espiral de luz e flutua no ar, marcando com exagero o compasso; igualmente ela bate repetidas vêzes no forro da sala, produzindo o ruído característico. Quando o megafone termina sua dança pelo espaço, volta para a mesa e fica em posição vertical; mas ergue-se de novo alguns centimetros, põe-se horizontalmente, e por êle soa a voz grave do Padre Zabeu: «Boa noite, meus filhos! Deus vos abençoe!» Dá instruções a Ladeira sôbre futuras sessões e dirige-se a um trabalhador do Espiritismo, cujo aniversário é naquela noite; faz-lhe um discurso carinhoso, com expressões como estas:

—Tu és uma das sementes que germinaram no jardim do Divino Cultivador. Toda semente que germinou, o Celeste Jardineiro a recolhe para o seu jardim e a cultiva com amor. Quando todos os habitantes da Terra já fizerem o que tu fazes, êste mundo será transformado em paraiso terrestre. Prossegue sempre com a mesma fé na obra do Mestre e Senhor, porque nunca estarás desamparado das graças de Jesus.

O assistente, emocionado, agradece: «Sim, tenho recebido muita misericórdia, Padre Zabeu; mas a vossa bondade me atribui méritos inexistentes nos trabalhos da Seara...» O Padre Zabeu o interrom-

pe com novas expressões de sublime amor e acrescenta :

—Agora vou conversar com o Cosme.

Vemos a trombeta caminhar lentamente para o corredor, detem-se um momento diante da cabine e desaparece por trás da cortina. Ouvimos as pancadas do alumínio e segue-se o diálogo entre a entidade e o médium.

O Padre Zabeu promete uma visita aos nossos lares e despede-se, depois de haver dado instruções sôbre as próximas sessões. Atanásio retoma a palavra :

—Vocês transmitam ao Cosme as ordens do Vigário, porque êle não liga atenção ao que eu digo.

Dentre as ordens do Padre Zabeu cumpre destacar esta : «Nenhum convidado haverá na próxima sessão. Tomarão parte sómente os presentes e mais o Ladeira».

Luiz Ladeira se achava enfêrmo e não compareceu. Quem fez as preces foi D. Maria José que abriu e encerrou a sessão.

Durante suas palestras, Atanásio disse uma frase que ninguém entendeu. Interrogado sôbre o que queria dizer, respondeu : «Mas isto não é português ; eu falei em alemão». Comenta-se que um dos assistentes fala o alemão e poderia conversar com Atanásio nessa língua, ao que êle diz : *«Ich kann aber nicht deine deutsche Sprache verstehen, mein lieber Freund Atanásio!* (Mas eu não posso entender a tua língua alemã, meu caro amigo Atanásio !)

A luz vermelha permaneceu sempre apagada. A parafina, como já dissemos, não foi tocada.

Contrariamente ás ordens do Guia no sentido de repousar o médium, foi logo marcada outra sessão para o dia seguinte, 14 de Julho, em casa do sr. Mario Silva, à Rua das Laranjeiras, n. 550, apartamento 1104.

Para a sessão do dia 14 de Julho de 1950 foram convidadas várias pessoas, além daquelas que o Padre Zabeu determinou tomassem parte.

Quando foi iniciada a prece de aberrura, o médium reclamou que estava entrando luz na cabine. Interrompeu-se a prece e reacenderam-se as luzes para novos arranjos. Isso ocasionou novo atraso.

A' leitura da ata foi sublinhado que aquela sessão era irregular, porque não foram respeitadas as ordens do Guia quanto ao repouso do médium nem quanto aos assistentes. Mesmo assim o Padre Zabeu compareceu generosamente para dizer : «Boa noite, meus filhos ! As horas estão avançadas. Para mim, nêste horário, eu não posso permanecer. Jesus vos abençôe !»

Toda a sessão foi de pilhérias de Atanásio e dos circunstantes. Na longa ata que regista essas piadas, nada encontramos que possa interessar ao estudioso. Tudo muito banal. Ficou-nos a impressão penosa de que o sr. João Cosme não tem clara compreensão dos perigos a que se expõe ao desobedecer instruções formais de seu generoso Guia.

A sessão do dia 18 de Julho de 1950, realizou-se em casa do sr. Alfredo Cavalcanti, à rua Dias Ferreira, n. 340, no Leblon.

Além dos preparativos normais, houve uma tentativa de concertar o gradoluz que se achava desarranjado e assim a sessão atrasou mais de uma hora.

Atanásio não compareceu ; foi substituido por Geraldo, que não fala : faz-se compreender por tiptologia.

Geraldo bate, pedindo prece. Ladeira ora, e ouve-se pelo megafone a voz do Padre Zabeu que cumprimenta : «Boa noite !». O megafone volta ao seu lugar encima da mesa, mas depois de alguns minutos reergue-se e sôa a voz do Padre Zabeu : «Ladeira, as sessões precisam ter horário certo e também o Cosme deve escolher um lugar definitivo para realizar as sessões. Eu vou falar com o Cosme».

Lentamente encaminha-se a trombeta para a cabine e desaparece por trás da cortina. Não distinguimos as palavras do diálogo. A luzinha volta para a sala e novamente fala o Padre Zabeu : «Ladeira, o Cosme está meio tonto e não pôde entender bem o que eu lhe disse ; diga-lhe que fica cancelada a sessão que estava marcada para quinta-feira. Depois, quando êle voltar da viagem, marque um lugar certo e definitivo para as sessões».

— E a sessão marcada para a casa do Ismael, não se efetua ? Interroga Ladeira.

— Quando o Cosme voltar, realize lá essa sessão e depois escolha um lugar definitivo.

Depois de outras instruções, a trombeta se dirige a um assistente, a quem o Padre Zabeu repreende com delicada fir-

meza por certo procedimento. Tomamos nota de suas palavras pelo precioso ensino que encerram mas a trombeta volta-se para nosso lado e ordena:

— Ismael, isto não conste da ata.

— Obedecerei, respondemos, e o facto não consta mesmo da ata; aquí só fica registada a extrema delicadeza do Padre Zabeu pela recomendação. Alguém emite um juizo e o Padre Zabeu observa: «Não julgueis para não serdes julgados».

Encerrada a sessão notamos que a água tem gosto de flor de laranjeiras muito vivo. A parafina não foi tocada. Foi breve e pobre de fenômenos essa sessão.

As Supostas Fraudes Espíritas — O Músculo Rangedor

Das hipóteses inventadas pelos negadores das manifestações espíritas, sem falar mesmo nas menos absurdas, tais como a da *alma coletiva*, do *reservatório cósmico*, e outras, avulta, porém, dentre todas, por ser a mais absurda, a do chamado músculo estalante ou rangedor.

Com o propósito de invalidar a hipótese espírita, a mais fácil de, racionalmente, ser aceita, inventaram uma série enorme de sistemas preconcebidos, sem a menor cerimônia. Não levaram em conta, certamente, tais negadores, o ridículo a que expunham os seus nomes, ao inventarem essas proposições, as quais, com a mesma facilidade, caíam por terra, ao primeiro sôpro de uma análise fria e concienciosa. E tantos são, que se poderiam formar com eles um rosário, um rosário de inverdades!...

A essas oposições, que Allan Kardec, houve por bem de classificar de *sistemas de negação*, dedicando-lhes até um capítulo inteiro da sua monumental obra — *O Livro dos Médiuns*, ele as subdividiu em: — do charlatanismo; da loucura; da alucinação; do músculo estalante (a que estudaremos hoje mais desenvolvidamente); a das causas físicas; do reflexo; da alma coletiva; do sonambulismo; pessimista, diabólico ou demoníaco; otimista; unispírita ou menospírita; multispírita ou polispírita e o da alma material.

A todos os argumentos apresentados, e que constituiam os sistemas de negação, acima enumerados, foram prestados esclarecimentos e aduzidas considerações de ordem técnica pelo Snr. Allan Kardec, em confronto com os insuficientes conhecimentos das ciências físicas e naturais, no seu tempo, pelos quais muitos fenômenos poderiam ser explicados. Chegou mesmo a lastimar, sinceramente, que homens de ciência se afoitassem a dar, do que não conheciam, explicações que os factos podiam desmentir, aduzindo mais — que o próprio saber que possuiam devera torná-los tão mais circunspectos em seus juizos, quanto é certo que êsse saber afasta deles as raias do desconhecido.

E assim, constatada que foi a realidade dos fenômenos espíritas, a primeira idéia que acudiu, naturalmente, aos cérebros das pessoas que os assistiram, foi a de atribuir os movimentos observados ao magnetismo, à electricidade, ou à ação de um fluído qualquer, a uma causa inteiramente física ou material. De modo algum essa suposição poderia parecer absurda ou irracional, e teria, realmente, prevalecido no consenso geral si, por sua vez, o fenômeno houvera ficado adstrito a efeitos puramente mecânicos. Havia mesmo uma circunstância, concorrendo para corroborá-la: a de que o aumento do número de pessoas presentes, produzia o aumento da fôrça atuante, na razão direta dêsse número! Chegou-se, então, a pensar, que cada uma delas podia ser considerada como um dos elementos de uma pilha elétrica humana, contribuindo com o seu coeficiente próprio, para que eles se realizassem.

Mas, o contrário foi o que se verificou mais tarde, obrigando os experimentadores a abandonar a ação *exclusiva* de um agente material, porque os movimentos e as pancadas deram sinais inteligentes, parecendo obedecer à vontade e respondiam ao pensamento!... Outra, por certo, tinha de ser a causa pro-

dutora dos mesmos, desde que o efeito deixava de ser puramente de ordem física, e foi por isso que não tardou em reconhecer-se, afirmando o seu descobrir, categóricamente: Todo efeito tem causa, e de uma causa inteligente só póde resultar um efeito inteligente.

Armado, assim, com um tal raciocínio, poude Allan Kardec, derrubar todos os sistemas de negação apresentados por aqueles que tinham o propósito deliberado de os invalidar.

Como dissemos, de início, hoje toca-nos estudar apenas um desses sistemas e que, dentre todos, nos pareceu o mais interessante pelo absurdo da sua ideiação.

Todo estudioso dos fenômenos espíritas sabe, à saciedade, que foi por meio de pancadas e batimentos que os espíritos manifestaram a sua presença, entre os homens, em diversas oportunidades, daí serem apelidados os espíritos que assim procediam, de *batedores*. Sendo que ficaram mais célebres, marcando época, as que se produziram num humilde *chalet*, onde residia um pastor protestante com a sua esposa e filhas, em Hydesville, obscura localidade de Rochester, América do Norte, e foram consideradas também, como as que denunciaram o fenômeno. Essa foi a particularidade que levou certo médico a dar dêsse fenômeno uma explicação, no seu modo de entender, perremptória: — «A causa, argumentou êle — reside nas contrações voluntárias, ou involuntárias, do tendão do músculo curto peroneo». O inventor dessa monumental descoberta foi o Snr. Schiff, mas quem lhe deduziu as consequências perante a Academia, foi o Snr. Jobert de (Lamballe), julgando dar assim o golpe de morte nos espíritos batedores, o qual desceu ás mais completas minúcias anatômicas para demonstrar por que espécie de mecanismo, póde êsse tendão produzir os ditos ruídos, assim como imitar os rufos do tambôr e, até executar árias ritmadas... Assim, os que julgam ouvir pancadas numa mesa são vítimas de uma mistificação, ou de uma ilusão...

Poderiamos, ainda, tecer mais alguns comentários em tôrno dos estalidos do músculo curto perôneo, para explicarem as pancadas e batimentos que os espíritos produziam, como que partindo o éco, como puderam constatar todos os observadores, de dentro da madeira da mesa. Os estudiosos encontrarão, porém, na *Revue Spirite*, do mês de Junho de 1859 pormenorizadamente a explicação do Snr. Jobert.

Estas pancadas ou batimentos, todavia, iriam mais tarde formar o método usado durante muito tempo para as comunicações espíritas, conhecido, hodiernamente, pelo nome de tiptologia.

Com o avançar do tempo, os espíritos foram aperfeiçoando os processos de comunicação. Das pancadas passaram à prancheta, desta à cesta, e desta aos cursores alfabéticos; destes ao lápis, empunhado pela mão do médium. Processos estes que também foram postos à margem.

E como a demonstrar aos homens que os batimentos representavam o *a. b. c.* de uma ciência, que mal despontava, a qual devia ser estudada e meditada pelos estudiosos de bôa vontade, uma vez que, já agora utilizam um novo e original processo chamado de *voz direta*, dispensando toda sorte de aparelho ou utensílio, provando com isso de que quem póde o mais póde o menos...

Contudo, apesar disso, o método usualmente preferido pelos espíritas para as suas mensagens, é o denominado psicografia, ou o oral, através da incorporação no médium ou *aparelho*.

Mas, até que os *sábios das escrituras*, dos nossos tempos se convençam dessas verdades, muita gente terá ainda de criar calos e muita tinta terá de ser gasta... com o Silva Melo à frente.

E ainda hoje poderiam os repetir — «*Stultorum infinitus est numerus...*» (EC. I/15).

J. B. Chagas.

Nova Iguaçú, Janeiro, 1951.

Assim como a Ciência, propriamente dita, tem por objeto o estudo das leis que regulam a vida da matéria, o Espiritismo tem por fim o estudo das leis que regulam a vida espiritual. KARDEC.

Os Novos Missionários

OS nossos espíritos ficam confortados no conforto moral e material que assistimos serem distribuidos de modo eficaz e discreto, pela palavra e por átos de irmãos abnegados á doutrina, pregada e praticada pelo grande Mestre Jesus.

Conforta-nos sim, principalmente quando esses átos partem de jovens que deixam os prazeres mundanos para, em horas certas de suas folgas de trabalho cotidiano, entregarem-se ao estudo e à dissertação do Evangelho.

Graças, portanto, podemos render a Deus por essa esmola do céu: abençoando esses jovens missionários encarregados de guiarem os velhos estraviados e orientar a mocidade futil que foge do progresso espiritual.

Foi o que observamos em uma das cidades da Central do Brasil, banhada pelas águas mansas do velho rio Paraíba, em cuja cidade encontramos ainda arraigadas tradições religiosas dos nossos antepassados, presas ás visões tétricas de um inferno eterno ou as delicias de um paraiso de contemplação muda e inerte, que a mocidade de hoje procura esclarecer com as lições do Evangelho e pelo conhecimento da doutrina codificada por Allan Kardec, pela qual provam que o trabalho e a luta sempre existiram e sempre continuarão na conquista da evolução, afim de que, cada espírito possúa o seu paraiso nas emanações de seu próprio EU.

Assim, esses jovens que surgem como missionários, amigos e tolerantes, dentro e fóra de seus lares, vão tocando a todos os corações ao conhecimento da VERDADE CRISTÃ.

No Centro Espírita localizado na cidade e ali fundado ha anos, em ótimo prédio próprio, encontramos em sua parte terrea o Albergue Noturno modesto, porém decente e higienicamente organizado para o fim a que se destina. E, em outro ponto da cidade, em uma extensa área de terreno, vamos encontrar, instalado em prédio próprio, com confôrto relativo, o Asilo com diversos velhinhos de ambos os sexos alí internados e caridosamente tratados, com a assistência dos jovens espíritas, e o auxílio material da sociedade local e sob os cuidados clínicos de um médico moço, produto dessa nova geração, pronto para atender os asilados a qualquer hora do dia ou da noite, com a bondade de um apóstolo do BEM.

Aí, nêsse Asilo, observamos também o cumprimento exáto de uma das grandes virtudes da doutrina espírita, permitindo a presença de um sacerdote católico apostólico romano para confessar e comungar a um asilado que havia pedido essa providência à Diretoria, que agiu, alias, com acerto, dentro do respeito à crença alheia e à tolerância cristã.

No Centro Espírita, em dias determinados da semana, é destacada uma dessas abnegadas creaturas para a dissertação de um tema do Evangelho e, em dias subsequentes da mesma semana, outros jovens para o estudo da doutrina em seu conjunto filosófico e científico, permitindo, no decorrer desses estudos, a arguição de qualquer dos assistentes no intuito de esclarecer as dúvidas surgidas.

Aos domingos o catecismo espírita é administrado por professoras espíritas à infância da localidade e com grande aproveitamento e entusiasmo.

Como velho observador dessas campanhas em pról da doutrina, a que mais falou ao meu espírito, com grande alegria, foi o que assistimos nessa cidade, porque alí eles, educando, aprimoram-se aos conhecimentos dos «porquês» da doutrina, sem descuidarem, porém, da CARIDADE, fonte de irradiação do AMOR DIVINO ás suas creaturas.

Assim, vai-se estendendo essa juventude espírita, dentro desses princípios e dessa lógica, em todos os recantos de nosso Brasil, já fadado a ser uma pátria do AMOR e do Evangelho.

Viriato Carneiro Lopes.

O testemunho da vossa fé só o podereis dar através das vossas obras.—*Camargo.*

Livros e Autores

LEOPOLDO MACHADO

Publicações do Dr. Julio de Abreu Filho — São Paulo

Repetimos mais uma vez e sempre: em Espiritismo só admiramos os que produzem, os que trabalham, pensam e sintam como nós, ou diversamente; tenham ou não os nossos pontos-de-vista.

Procedendo assim, nunca negamos nossa contribuição, modesta embora; nosso apôio ainda que exíguo, à obra dos que trabalham e produzem no desejo de servir à Doutrina.

Assim continuaremos, dentro de um programa definitivo.

Os que trabalham, eficientemente, na difusão da Doutrina, não aspiram outra coisa. E serão, ademais, absolutamente verdadeiros nossos pontos-de-vista, ou os pontos-de-vista do outro confrade? Deus que paira muito acima de nós, que nos julgue...

Haja labor honesto, e sinceridade nos atos e propósitos, que o mais está certo.

Nem nos cabe, tampouco, julgar da sinceridade e honestidade dos que vão trabalhando e produzindo a seu modo, de vez que só vemos a obra, e não a intenção da obra.

Julgando os outros por nós mesmos, razões não temos para duvidar da sinceridade e honestidade de ninguém. E sobram-nos motivos para aplaudir e incentivar a obra alheia, desde que venha beneficiar à Doutrina, para cooperar com os que realmente trabalham e produzem.

Fiel, ademais, a nossa diretriz: colocar a doutrina acima dos agrupamentos sociais; estes acima dos homens, os pontos-de-vista dos confrades, se forem mais claros e lógicos do que os nossos, acima de nós — claro que só nos cabe é colaborar com os que trabalham, e cooperar com os que produzem...

* * *

Dr. Júlio de Abreu Filho é dos espíritas que, embora não afinemos em tudo, merece nossa admiração e cooperação, porque sentímo-lo trabalhando e produzindo.

Estamos à vontade para dizê-lo, de vez que entre nós há muita divergência. Negar, porém, ao confrade ilustre, mérito e capacidade de trabalho só por isso? De modo algum, que não é isto de nosso feitio...

Vemos, efetivamente, com profunda simpatia sua atual capacidade de trabalho, que aumenta aos nossos olhos, levando-se em conta sua idade.

Já nos pronunciamos, pela «Revista Internacional do Espiritismo», sôbre a tradução de seu *Evangelho Segundo o Espiritismo* dizendo, com lealdade e franqueza, o que sentimos a propósito de sua atitude e da bela edição de a LAKE.

Sua tradução da REVUE SPIRITE, — que era uma lacuna a preencher na literatura espírita entre nós — é outro serviço que o meio ficará devendo ao confrade ilustre. Com efeito, não era possível continuar desconhecida de tanta gente que não sabe ler o francês, a REVISTA ESPÍRITA que o Codificador manteve durante onze anos.

A REVISTA ESPÍRITA já está no seu 13.o número.

ÉDIPO é seu mensário de doutrina e de combate.

Trata-se de um jornal muito bem feito, bem impresso, que vale a pena ser lido. *Jornal de Cultura Espírita*, como se apresenta. E o é, efetivamente, já no 6.o número, a despeito de seus artigos de análise e de combate ao que adversa seu ilustre diretor, serem enérgicos, incisivos veementes.

Edições EDIPO são volumes que o confrade ilustre escreveu e está editando.

São livros de análise dura, combativa, em que nosso autor se revela tal como é: seguro nos princípios que defende, em que se julga certissimo. São livros de polêmica, de leitura agradabilissima, para quem, como nós, ama o gênero de literatura, que passa, para muita gente, por inútil ou inóquo. Julio de Abreu Filho argumenta com segurança e proficiencia, analizando ponto por ponto, razão a razão o que escreveu o adversário, sem discrepar da boa ética, da compostura próprias dos homens educados e espiritualizados. Aliás, dentro da diretriz

de Santo Agostinho, que pôs na abertura de seu POEIRA DA ESTRADA: «Abraçai os homens, mas profligai os seus êrros». Acontece, porém, que os adversários devem pensar, exatamente, do mesmo modo, julgando, sentindo e analizando aquilo que entende por êrros no autor.

Com qual dêles a razão? Se, neste mundo sublunar não há ninguém que se possa vangloriar de estar com a verdade... Só o leitor lendo os argumentos pró e contra, julgando-os com os dons espirituais que Deus lhe deu.

Foi isso o que fizemos, devorando seus dois volumes, POEIRA DA ESTRADA, que lembra, pelo título, o belo volume de versos de Humberto de Campos, e ÊRROS DOUTRINÁRIOS.

O POEIRA DA ESTRADA estuda, analisa, escalpela e comenta o Congresso Paulista de Unificação, em que nos conhecemos pessoalmente, primeiro movimento social para o Pacto Aureo, que aí está.

O ERROS DOUTRINÁRIOS estuda, escalpela e procura arrazar a tese roustainguista, que nos ELOS DOUTRINÁRIOS, Ismael Gomes Braga, indiscutivelmente, outro grande valor cultural na Doutrina, defende e justifica.

Dizemos com o padre Leonel da Franca, outro grande polemista, que é um prazer intelectual assistir dois homens de inteligência, de cultura e de espírito discutirem, polemizarem. Confessamos que gostamos de sentir este prazer. Eis por que lemos todos os volumes, e recomendamos a sua leitura, a todos os irmãos de boa inteligência e bom gosto.

Claro que não estamos cento por cento com o JULIO DE ABREU, de cuja amizade nos desvanecemos. Mas, negar-lhe mérito real, e nosso apoio, modesto embora às suas realizações culturais, contrárias que sejam a nossos pontos-de-vista?

Isso, nunca!

E' assim que aguardamos suas novas publicações. Entre as quais, a tradução das Profecias de Daniel e do Apocalipse de S. João, de Isaac Newton, prometida para muito breve.

—

TEATRO DA MOCIDADE

Edição da Gráfica «Mundo Espírita».

Crítico de nós mesmos? Absolutamente.

Mas, para anunciar que está na rua nosso terceiro volume de teatro espiritualista, — O TEATRO DA MOCIDADE — e proclamar a excelência da edição da Gráfica «Mundo Espírita.

Pedidos ao Lar de Jesus, à emprêsa ou à Livraria de «O Clarim».

—

«DOIS MUNDOS»

(Editora Estudos Psíquicos — Rua do Salitre, 149 1.º — Lisboa) — *Amadeu Santos.*

Dois mundos! Desde o admirável Parmênides — o descobridor do Princípio da identidade — que a teoria dos dois mundos tem empolgado os espíritos empenhados no estudo dos segrêdos da Metafísica. O divino Platão desenvolve magnificamente a teoria dos mundos *sensível* e *inteligível* (o ilusório e o real), admitindo e sustentando a possibilidade e da atividade espiritual em ambos. O mundo das idéias seria o verdadeiro e no qual os espíritos viveriam na convivência com os deuses na posse de toda luz, gozando da plenitude do conhecimento. Com a decadência, os espíritos seriam forçados a viver no mundo sensível, que é o nosso, só percebendo a realidade parcial, através da reminiscência.

De Platão aos nossos dias o assunto nunca foi inteiramente descurado, girando sempre em tôrno dos mais diversos temas, tendo em vista o *ser* e o *não ser*, o *físico* e o *psíquico*, o *cognoscível* e o *incognocível* (Comte), o *real* e o *ideal*, o *amanual* (Heideggar) e o *problemático*...

Com Allan Kardec devia fazer-se — e fez-se — uma distinção última e definitiva. Existem de facto, dois mundos: o *material* e o *espiritual*. Do material constam todos os planetas, conhecidos e desconhecidos, habitados por espíritos *encarnados*, isto é, possuidos de um corpo carnal; do espiritual consta o Espaço infinito habitado por almas ou espíritos *desencarnados*.

«Dois Mundos», que o espírito de Lia inspirou ao humanista português Isidoro Duarte Santos, é um livro singular que nos fala não apenas dêsses dois mundos kardecianos, mas que nos revela coisas estupendas, nos faz verdadeiras revelações acérca da vida dêles... Revela-nos coisas de concepção quasi inatingível, mas preciosas, do mundo espiritual e, por incrível que pareça, mostra-nos coisas importantes do mundo material a que per-

tencemos, que desconheciamos, e que gente boa, para não dizer muito sábio de fancaria, ignora ainda!

Maria Gonçalves Duarte Santos, em muitas passagens da sua excelente obra, faz-nos lembrar André Luiz, espírito lúcido que, por intermédio do nosso Chico Xavier, tão conhecido e justamente apreciado pela excelência de suas obras psicográficas numerosas, nos tem brindado com profundos conhecimentos de caráter científico-religioso.

Alguns dêsses livros, a princípio, custaram a ser compreendidos até por espíritas de renome. Verdadeiras restrições foram feitas às teorias sustentadas nêsses soberbos mananciais de saber. A mesma sorte coubera ao livro «A vida além do véu», de G. Vale Owen!

Admitamos, com efeito, que nesses livros se sustentam téses legitimamente revolucionárias, na boa acepção do vocábulo. Téses que, já agora, não podem ser ignoradas e muito menos rejeitadas pelos que se jactam de possuírem *olhos de ver* e entendimento de entender! Os espíritos retrógrados só tardiamente identificam a evidência dos factos. O retardamento psicológico, aliás, não é apanágio apenas dos espíritos medíocres. Ha espíritos atilados e clarividentes que se deixam dominar pela névoa dos preconceitos. E não se diga que o nosso meio prima por uma objetividade integral! Ha, pelo contrário, quem prefira a subjetividade. A's vezes ela se torna mais cômoda, mais conveniente... Nem todos gostam de fazer fôrça e porisso preferem o servilismo.

O comodismo é uma das quiméras da vida que desfrutam de incontestável prestígio e exercem profunda influência nos espíritos rotineiros. Se já possuímos uma meia-verdade, eminentemente consoladora, para que buscarmos uma verdade-integral?!...

Eis porque as idéias simplesmente avançadas são ás vezes combatidas e julgadas aprioristicamente.

«Dois Mundos» é um livro de incontestável mérito. Nêle ha conceitos de profunda objetividade. Ha filosofia verdadeira, exposta em têrmos de singeleza comovedora; ha ciência legítima, que entra pelos olhos com uma expontaneidade maravilhosa; ha princípios religiosos de pura moral, que transcendem à mais franca e natural sensibilidade. O texto da obra fala-nos, todo êle, de problemas sérios, de temas singulares, de postulados e regras de conduta que bem dizem da sua utilidade prática e objetiva. As idéias são expostas com cativante clareza de linguagem, num estílo próprio e quiçá agradável. Os assuntos primam pela ordem e coerência dos conceitos, evitando-se os escolhos da fantasia e da metáfora que, se por um lado emprestam um indisfarçável colorido literário, por outro arrastam, não raro, o leitor desprevenido ao cipoal da ficção e do fantástico, capazes de levá-lo aos perigos da dúvida céptica.

Os vários capítulos da obra, conquanto versem assuntos heterogênios, formam, no entanto, um conjunto harmônico, homogênio, um maciço de beleza doutrinária do ponto de vista moral, capaz de impressionar as pessoas mais desavisadas.

«Dois Mundos» é livro que merece ser lido por quem realmente se interessa pelos problemas fundamentais da Vida e quer aprimorar conhecimentos relacionados com a Terceira Revelação.

Mediunidade e as Vibrações Intensificadas

Do semanário inglês de 21/10/50 «The Greater World» e publicado em Londres pela Liga Espírita «O Mundo Maior», extraímos uma interessante advertência, dada pelo Espírito Zodiac e destinada àqueles que ainda desconhecem certos PERIGOS, a que se acham expostos, não sómente os médiuns, especialmente os de transe profundo (sonâmbulos), como também o assistente descuidado.

Não é demais repetir aqui o conselho de Allan Kardec: «de nenhuma forma deve ser tocado, nem de leve, um «aparelho» (médium) em transe profundo».— Porque? Simplesmente porque um toque inadvertido num dêstes delicados aparelhos de sonambulismo pode causar até a desincarnação do espírito do médium, pelo rompimento do cordão fluídico; pode, também, causar graves disturbios (até cegueira) na saúde do médium, pe-

lo choque de retôrno violento do espírito. Basta o mais das vezes, um leve toque com a mão de qualquer assistente dos trabalhos mediúnicos, embora se trate do próprio presidente da mesa ! Pois, sabemos que ha neste Brasil afóra muitos «presidentes»... (!) que ignoram ainda o perigo que acabamos de expor ! E por que o ignoram ? Unicamente por falta de estudo ! !

Assim informa «The Greater World» de Londres, com referência a um acontecimento ocorrido num templo espírita, com o seu próprio presidente (The National Spirit. Church) na cidade da Carlisle, quando o Espírito ZODIAC dirigiu a uma grande assistência uma das suas muito importantes pregações por meio do seu médium sonâmbulo Miss Winifred Moyes.

Num dado momento, ao fim quasi do serviço religioso (sermão), Zodiac costuma descer do púlpito, geralmente para dirigir a um ou outro dos presentes, no vasto salão, uma palavra particular de conforto e de ânimo.

O presidente, nessa ocasião, por gentileza, querendo auxiliar o médium ao descer os degraus da escada, estendendo para isso a mão, imediatamente Zodiac adverte-o rigorosamente : «Touch not the instrument I use !» ou seja «não toque o instrumento de que estou me servindo» ! E ao retirar a mão novamente, o presidente sem querer, roçou de leve a mão do instrumento... e assustou-se, pois ficou queimado como si fosse com fogo, o lugar onde tocou inadvertidamente no médium ! Neste instante disse Zodiac : «Não foi minha intenção em queimá-lo !»

— Posteriormente, a médium Miss Winifred Moyes, ao saber do ocorrido, expressou o seu pesar ao presidente e explicou que aquela sensação de queimadura, como fogo vivo, é causada devido à tremenda aceleração das vibrações, quando um médium se encontra debaixo do contrôle de um espírito altamente evoluido !

* * *

Nota interessante :

A médium inglesa Miss Winifred Moyes sofre desde há alguns anos de uma paralisia completa (prova por ela escolhida antes de reincarnar ! Assim mesmo, ela não falta a nenhuma das reuniões semanais e é conduzida para os respectivos templos espíritas (até fóra de Londres) em uma cadeira de rodas ou numa padiola quando em viagem de trem, e é sempre assistida por duas enfermeiras.

Iniciada a prece de abertura do serviço religioso, Zodiac toma o seu aparelho (médium) que deixa então de ser um corpo paralítico, durante todo o tempo que Zodiac se utiliza dêle para transmitir o seu sermão e muitas vêzes, ao terminar a pregação, ele desce sem qualquer auxílio pelos corredores das cadeiras da assistência para dizer algo, geralmente assuntos de familiares «do outro lado» a esta ou aquela pessoa no meio da sempre grande assistência, sem que os visados esperassem tão agradável surpresa.

Em seguida caminha Zodiac ao seu púlpito para abençoar todos os presentes com os braços abertos. No momento que Zodiac deixa o corpo da médium, descem também, instantaneamente, os braços. Naquele mesmo instante, cai o corpo já desocupado por Zodiac, nos braços das duas enfermeiras já postadas atrás do corpo de Miss Moyes e em seguida acomodam a paralítica em sua cadeira de rodas.

* * *

Os diversos taquígrafos entregam em seguida ao presidente as folhas de notas sôbre a pregação de Zodiac para fins de publicação posterior no semanário da Liga «O Mundo Maior». Também os médiuns videntes (autorizados !) entregam as suas notas sôbre as observações feitas antes, durante e ao terminar do «Serviço Zodiac», observações que geralmente tocam em sublimidades maravilhosas ...

* * *

A assistência, desde o momento de entrar num templo espírita, mesmo que se trate do menor Centro, — guarda um silêncio respeitoso, e isto, em qualquer templo espírita em toda Inglaterra, (contrário à muitos centros do Brasil, onde a assistência julga precisar debater as ocorrências do dia, até que comece a abertura dos trabalhos ..., o que produz,

em geral, péssimos ambientes e onde os pregadores lutam para poder desenvolver os assuntos evangélicos!)

Não é, por ventura, um Centro Espírita um templo sagrado?... tal como o é qualquer templo, seja católico ou protestante? Em todos êles se observa o silêncio num recolhimento de prece, favorecendo assim um ótimo ambiente para aquêle que deseja desenvolver uma pregação evangélica.

Max Kohleisen

Piracicaba, Dezembro de 1950.

Crônica Estrangeira

Descoberta de Relíquias Históricas por meio de comunicações espíritas

«De Two Worlds»

Foram desenterradas, na localidade de Longniddry, Haddington, relíquias pre-históricas, algumas do mais alto valor arqueológico. A descoberta foi o resultado direto da intervenção do Mundo Espiritual.

Escavações feitas obedecendo a certas indicações da presença dessas relíquias, não tiveram sucesso, mas quando vieram instruções dos espíritos indicando os pontos a escavar, apareceram as relíquias, foi o que afirmou recentemente o Snr. Scott Harrisson aos membros da Associação Central de Espiritualistas de Glasgow.

Operários abriam valetas para alicerce de uma casa de campo, quando deram com um ataúde de pedra, que o arquiteto, presente no local, reconheceu pertencer à éra pre-histórica.

O facto foi por êle comunicado ao Dr. Graham Callender, do Museu de Antiguidades de Edinburgh. Êste, acompanhado pelo Dr. Ritchic, da Universidade de Edinburgh, visitou o local e afirmou pertencer a sepultura à primitiva Era do Bronze (1.700 anos anterior à Era Cristã).

Cemitérios Pictográficos

O Dr. Callender lastimou não dispôr de verba para escavações, pois acreditava ser o local antigo cemitério pictográfico!

O arquiteto, snr. Harrison sugeriu a idéia de se obter a colaboração de um grupo de escavadores voluntários, se o Dr. Callender se prontíficasse a dirigir o trabalho.

Isto assentado, catorze homens começaram a escavação,

As perfurações eram feitas a esmo, pois não se podia supôr um arranjo metódico de sepulturas. Os trabalhadores abriram duas trincheiras de dezoito metros de comprido por dois de largo.

Nada foi encontrado

Desapontado, o snr. Harrison, que a êsse tempo realizava com dois amigos, sessões experimentais de tiptologia, perguntou na próxima sessão se no «Outro Mundo» havia alguém capaz de indicar onde escavar.

A resposta, pela tiptologia, foi um positivo «Sim», e após uma longa série de perguntas, receberam precisas instruções.

Para começo de nova trincheira, o espírito deu medidas iniciais, de um extremo da trincheira já aberta, de uma cêrca e de uma muralha, escavação que deveria estender-se para o sul e então voltar à esquerda. As distâncias eram em *passos;* falharam todas as tentativas para obter as medidas em jardas ou pés.

O comunicante afirmou que seriam descobertas três sepulturas.

Informação Confirmada

O relato dessa sessão, no dia seguinte transmitido por telefone ao Dr. Callender, foi recebido a gargalhadas. «Bem», disse o cientista, «escavai à vontade, alí ou em qualquer outro lugar!»

No domingo seguinte os trabalhadores, já em número mais reduzido, começaram no ponto indicado e a um me-

tro abaixo da superfície, os enxadões bateram numa lage funérea.

Pouco depois e na distância exáta encontaram outra lage. A trinta ou sessenta centímetros desta á esquerda, uma terceira, esta uma cinerária bastante quebrada.

Não encontraram outros restos nessa trincheira. Os arqueólogos se bem que surpresos, insistiram em atribuir as descobertas à pura coincidência.

Mais sepulturas indicadas

A seguir realizaram outras sessões e houve indicação de outras sete sepulturas, grandemente separadas e irregularmente colocadas.

Também houve menção de uma sepultura isolada que conteria bronze; mais ainda, outras seis apresentavam curiosa formação, estas em sentido diagonal relativamente á primeira trincheira.

Natural era o excitamento entre os assistentes nas sessões subsequentes e provavelmente devia a isto e ao facto de serem grandes as distâncias — quarenta passos ou mais — as escavações próximas aos pontos indicados ; foram baldadas e as sessões foram suspensas, pois o inverno se aproximava e as escavações só eram feitas aos domingos e á tarde.

Confirmação ulterior

No ano seguinte o trabalho proseguiu sistematicamente e apareceram as sete sepulturas indicadas, localizadas bem próximo ás escavações já feitas, e em alguns casos distavam apenas algumas polegadas, de modo que, se mais extensas fossem as escavações anteriores, todas as sepulturas seriam indubitavelmente descobertas.

Não existem outras no local. A sepultura isolada, suposta conter bronze, não apresentou êste metal, mas a cinza dos ossos cremados e apresentava vestígios indicativos de terem existido objetos de *cobre*, porém desintegrado.

Estas últimas eram sepulturas de pedra, urnas cinerárias de barro cozido e algumas abertas.

Esta variação, bem como os objetos encontrados de mistura com os ossos cremados sugere, na opinião dos peritos, que êsses sepultamentos abrangeram no mínimo, um período de 200 anos.

Um achado de grande valor

Os objetos achados são uma faca de pederneira de Dussex, diversas raspadeiras de osso e pederneira, panelas de barro cozido e um par de ornamentos da espécie de vidro crú produzido quando intenso fogo é aceso sôbre areia.

Êsses ornamentos, presumivelmente brincos, eram perfurados e certamente um par, — um achado do maior valor arqueológico, visto só existir outro ornamento semelhante. Todos os restos agora estão no Museu de Antiguidades de Edinburgh, doados pelo Conde de Wemyss, em cujas terras fizeram as descobertas.

Evidentemente, a entidade espiritual foi capaz de ver objetos existentes na superfície, enxergar sepulturas através da terra e medir as distâncias em normais passos humanos.

Visões em leitos mortuários

«Light»

De todas as provas da Sobrevivência, a mais notável é a que descreve a cena da partida dêste mundo. Vamos citar um caso em que a moribunda foi a única a perceber a entidade espiritual junto ao seu leito. O Dr. Paul Edwards escrevia, em Abril de 1903, ao diretor da Light :

Lá para o ano de 1887, quando habitava na California, fui chamado à cabeceira de uma pessoa cara e que se achava em seus últimos momentos, em consequência de doença pulmonal. Todos sabiam que esta mulher pura e nobre, esta mãe exemplar, estava condenada à morte iminente. Também ela acabou por se aperceber disso e quís preparar-se para o grande instante. Tendo chamado seus filhos para perto da cama, abraçou-os alternativamente, depois do que os fez voltar. Seu marido aproximou-se por último, afim de lhe dar e receber o último adeus. Êle a encontrou em plena posse de suas faculdades intelectuais.

Começou ela por dizer-lhe : «Newton, (era o nome do marido) não chores, porque eu não sofro e tenho a alma confiante e serena. Amei-te sôbre a

terra; amar-te-ei ainda depois de minha partida. Espero vir a ti, se isso me fôr possível; não o podendo, velarei do céu por ti, por meus filhos, aguardando a vinda de todos. Agora, o meu maior desejo é ir-me embora... Vejo várias sombras que se agitam em torno de nós... todas vestidas de branco... Escuto uma deliciosa melodia... O'! eis aquí minha Sadie! Está perto de mim e sabe perfeitamente quem sou». (Sadie era uma filha que ela havia perdido dez anos antes).

— «Sissy—, lhe disse o marido, — minha Sissy, não vês que sonhas?

— Ah! meu querido — respondeu a enfêrma — porque me chamaste? Terei agora mais trabalho para voltar. Sentia-me tão feliz, no Além; era tão delicioso, tão belo!»—Cerca de três minutos depois a agonizante acrescentou:—«Volto de novo e desta vez não tornarei, ainda mesmo que me chames».

Esta cena durou oito minutos. Via-se bem que a doente gozava de completa visão dos dois mundos, ao mesmo tempo, porque falava das figuras que se lhe moviam em torno no Além, e na mesma hora, dirigia a palavra aos mortais dêste mundo...

Nunca me sucedeu assistir a um trespasse tão impressionante, tão solene.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Segunda Semana Espírita de S. Sebastião do Paraíso

Alcançou êxito invulgar a Semana acima, realizada no período de 18 a 25 de Fevereiro pp. Nada menos de 200 caravaneiros estiveram presentes á essa solenidade, representando as seguintes cidades: São Paulo, Franca, Ribeirão Preto, Cassia, Monte Santo, Guaxupé, Guardinha, Altinopolis, S. Tomaz de Aquino, Passos e outras localidades vizinhas. Revezaram-se na tribuna os confrades, Dr. Tomaz Novelino, Jony Doin, Prof. Raimundo Macedo Filho, Wagner de Castro, Dr. D'Angelo Neto e Vicente S. Neto.

As reuniões foram realizadas na séde da Liga Operária Beneficente. Durante a Semana, o salão, que comportava 800 pessoas, foi pequeno pelo entusiasmo que contagiou a «Princeza do Sudoéste Mineiro», visto como, em todas as noites, inúmeros foram os visitantes locais que voltavam a seus lares pela falta de acomodações. Prometeram os organizadores da Semana, tomar providências para as futuras festividades no ano próximo no sentido de conseguirem local mais adequado para êsse fim. Passando ao comentário desses 8 dias diremos ter sido os mesmos de uma vibração «sui generis» de vez que, não só os temas e conferências abordados pelos oradores escalados, como o Teatro da Mocidade Espírita local, com artistas próprios, agradaram sobremaneira em todos os sentidos.

Deram ainda sua presença nesse conclave de fé viva, mais os confrades: Dr. Agnelo Morato, José Russo, Prof.ª Maria Aparecida Rebelo Novelino, o irmão Genésio, da Livraria «Nova Era», de Franca, Vicente Russo, Ari Lima, o inspirado e notável poéta local, e ainda, devidamente autorizadas, as Mocidades Espíritas das cidades acima citadas. Dentre os programas de maior realce cumpre assinalar o Torneio Evangélico promovido pela Mocidade Espírita de Franca, tendo á frente o seu novel presidente, o jovem Eusvaldo.

A Snrta. Glaucia Costa, da Mocidade Espírita de Monte Santo, Vicente S. Neto, de S. Paulo e Snrta. Maria Aparecida, de Guardinha, foram os vencedores dessa interessante luta, recebendo livros autografados gentilmente pelos disputantes.

Antes e após o termino das reuniões, todos os jovens, «a una voce», entoavam, de coração, inumeros hinos conhecidos nos arraiais espíritas.

Numa das noites, ainda atendendo a especial convite, a Mocidade da Igreja Presbiteriana incorporada, assistiu ao programa lítero-musical, e segundo impressões obtidas, confessaram-se encantados com o mesmo. Oxalá que em futuro, tais convites se repitam de modo fraterno e amistoso.

Os promotores da 2.ª Semana foram pródigos em tudo, acolhendo em seus la-

res todos os visitantes, gesto êste que se vai alastrando de maneira comum em nossos meios. No último domingo, 25, foi proporcionado um pic-nic na localidade de Termopólis ou Aguas Quentes. Saindo ás 7 horas, os turistas alertaram os moradores do percurso e depois de horas cheias de encantamento espiritual, voltavam à cidade para a última jornada. Cumpre salientar, com destaque, que o casal Pompeu e Maria Giubilei e demais familiares, foram os leais e denodados obreiros dêsse conclave, e a eles rendemos os nossos agradecimentos.

A imprensa Espírita esteve presente pelos seguintes órgãos:

«Revista Internacional do Espiritismo» e «O Clarim», de Matão; «A Nova E'ra», de Franca; «O Caminho», de Guaxupé; Clube dos Jornalistas Espíritas de S. Paulo; Livraria Allan Kardec Editora, de S. Paulo e mais centros espíritas de diversos lugares.

A Editora LAKE de S. Paulo apresentou uma Exposição de livros. Colaboraram gentilmente por diversos meios, a Federação Espírita do Estado de S. Paulo, União Social Espírita e a Liga do Estado de S. Paulo. A Orquestra «Amantes da Arte» e o Teatro Artístico da Mocidade Espírita local, foram também um dos pontos altos do inesquecível conclave.

Êsse, pois, o resumo do que assistimos em São Sebastião do Paraíso.

Vicente S. Neto.

II Congresso Educacional Espírita

A instalação do II Congresso Educacional Espírita que reuniu educadores de todo o Estado, teve lugar no dia 26 de Janeiro do corrente ano, para discussão e solução do importante problema educacional.

O certame foi convocado pelo Instituto Espírita de Educação, entidade criada pelo I Congresso Educacional Espírita, promovido pelo Departamento de Educação da União Social Espírita, em Janeiro de 1949.

O II Congresso Educacional teve a duraçao de três dias e obedeceu ao seguinte temário:

Dia 26 — ás 19 hs., assinatura do livro de presença e entrega de credenciais aos congressistas, na séde da Federação Espírita; ás 20 hs. apresentação do relatório das atividades do Instituto; leitura dos nomes dos participantes do certame; saudações aos presentes; constituição das comissões de: tése, revisão dos Estatutos, redação final, pedagogia e doutrina.

Dia 27 — A's 10 hs., na séde da Federação Espírita, reunião plenária, para leitura e discussão do Boletim n.° 1, que trata da regulamentação legal do ensino no Estado; 2) discussão do Boletim n.° 2, que trata do Regimento Interno, para funcionamento de colégios em geral; 3) apresentação de sugestões sôbre o Instituto; ás 14 hs. na séde da União Federativa, reunião plenária para reforma dos Estatutos e leitura e discussão do Boletim n.° 3, que trata da Regulamentação do Ensino Religioso; ás 20 hs. na séde da Sinagóga Nova Jerusalém, reunião litero-musical, oferecida pelo Instituto aos congressistas.

Dia 28 — A's 10 hs. na séde da Liga Espírita prosseguem as discussões do Boletim n.° 3; leitura de mensagens recebidas e constituição de uma comissão para elaborar um memorial a ser enviado ao Congresso Nacional, afim de se definir a posição religiosa do Espiritismo nas Escolas Públicas.

Eleição do Conselho

A eleição do conselho ficou a cargo da Assembléia Geral de sócios, convocada em reunião extraordinária no dia 11 de Fevereiro, e foram eleitos com mandato de seis anos os confrades: Pedro de Camargo (Vinicius), J. Herculano Pires, J. Gonçalves Pereira, Carlos Jordão da Silva, E. Manso Vieira e Lauro de Almeida Carneiro; com mandato por 4 anos os confrades: Haydée Guedes dos Santos, Luiza P. C. Branco, Edgard Armond, Aliomar B. de Andrade, Américo Mantagnini e D. R. Azeredo; com mandato por 2 anos: Patricio Penhas, Amelia Anháia Ferraz, Tuany Valdetaro, Jony Doin, Wenefredo de Toledo e Reinaldo Martinelli; foram eleitos suplentes: Maria Candida Xavier, Iracema Martins de Almeida, Maria Marcondes Arouca, José Andreucci, Euclides de Oliveira Marques, Ary Lex, José Graciano e Cid Orlandi.

Eleição da Diretoria

A eleição de diretoria teve lugar no dia 18 de Fevereiro e ficou assim constituida: Presidente, Pedro de Camargo (Vinicius); Vice, Emilio Manso Vieira; Secretário-Geral, J. Gonçalves Pereira; 1.° Secretário, Reynaldo Martinelli; 2.° Secretário, Wenefredo de Toledo; Tesoureiro Geral, Aliomar B. Andrade; 1.ª Tesoureira, Amelia Anháia Ferraz.

Pelo exposto verificam os confrades que os educadores espíritas enxergaram a necessidade de solucionar o problema educacional dentro de muito pouco tempo.

Espíritas — mãos à obra de Salvação! O trabalho é de todos!

Amelia Anháia Ferraz.

(Do Departamento de Propaganda do Instituto Espírita de Educação).

II Congresso Espírita do Rio Grande do Sul

Da Comissão Executiva do II Congresso Espírita do Rio Grande do Sul, recebemos a seguinte circular:

Pôrto Alegre, 15 de Março de 1951.

Prezado irmão,

Levamos ao vosso conhecimento que a Comissão Executiva, por unanimidade de votos, atendendo a motivos relevantes, entre os quais os compromissos decorrentes do início do ano, que absorveram a quasi totalidade dos seus componentes em outros setores da Seára Espírita e mais ainda, pelo desejo de homenagear o excelso missionário coodificador da Terceira Revelação, Allan Kardec, resolveu fazer dilação da data do «II Congresso Espírita do Rio Grande do Sul» para 3 de Outubro do corrente ano.

Nêsse dia, será realizada a Sessão Solene de Abertura, ás 21 horas, no Teatro São Pedro, seguindo-se as sessões plenárias nos dias 4, 5 e 6, fazendo-se o encerramento no dia 7.

Como consequência do adiamento, foi fixado o dia 31 de Agosto como último do praso, dentro do qual devem ser apresentados os trabalhos do Temário Oficial, e bem assim o dia 15 de Setembro como final para a inscrição de Congressistas, individuais ou coletivos.

Teremos especial agrado em receber sugestões sôbre a programação, para submete-las à Comissão Executiva, que organizará, dentro em breve, a definitiva estruturação dos trabalhos do Congresso.

Fazemos votos pelo vosso progresso, sob a égide dos princípios iluminadores do Cristo de Deus.

Pela «Comissão Executiva»
(a) *José Carvalho.*
Secretário Geral

Caravana da Fraternidade

Um movimento nobre a prol de maior entendimento entre os espíritas de boa vontade.

Leopoldo Machado.

A ULTIMA ETAPA

A ultima etapa da *Caravana da Fraternidade* foi em Belo Horizonte e Pedro Leopoldo.

Terminou onde devia.

De um congresso mineiro, saiu o primeiro movimento de unificação.

Em Pedro Leopoldo, seria justo ouvissem os caravaneiros, de irmãos seus, maiores, que veem de mais alto, como se teriam desobrigado das tarefas redentoras que lhes foram cometidas do Alto.

***

O «Espírito Santo», da *Aerovias*, levantou vôo, ao amanhecer, de S. Luiz do Maranhão. Depois de dez horas incompletas de vôo, em Belo Horizonte. E à noite, depois dos caravaneiros repousados cinco horas, em Pedro Leopoldo.

Milagre da civilização do Século XX, que não realizou, ainda, o milagre maior e mais facil de acabar com as guerras, de propiciar à humanidade a solução do problema de sua felicidade mesma!

***

Na Pampulha, irmãos queridos, a despeito do quasi imprevisto da chegada, que lotaram um onibus e quatro automoveis, a nossa espera.

E mais abraços e cordialidades, bem

iguais aos que, por toda parte, andaram os caravaneiros recebendo. Confrades e irmãs queridas, jovens e mais velhos, todos, ansiosos de entrar no conhecimento dos pormenores da excursão. Principalmente, no tocante aos propósitos dos irmãos visitados com respeito aos altos objetivos da unificação.

—Os melhores propósitos, não ha negar. Todos anseiam a mesma coisa, ainda que perlustrem caminhos aparentemente dessemelhantes...

* * *

A sessão no *C. E. Luiz Gonzaga*, em Pedro Leopoldo, foi longa. Aliás, como soe acontecer sempre. Só depois de tiradas umas quinhentas receitas pelo Chico Xavier e seu irmão André, vieram as mensagens para a Caravana. Apenas, duas: a mensagem do Emanuel e um belo soneto do Amaral Ornelas. Duas coisas muito significativas a assinalar: sómente os dois grandes Espíritos não estiveram em contacto, através de médiuns insuspeitíssimos, com os caravaneiros, durante a excursão. Os outros, que compõem a Caravana Invisível, como afirmaram e demonstraram eloquentemente—Guillon Ribeiro e Cairbar Schutel, José Petitinga e Humberto de Campos, Viana de Carvalho e Bezerra de Menezes, Fred Figner e Catulo Cearense—encontraram oportunidade para trazer-nos seu incentivo. E no belo soneto de Ornelas, — irmão querido com quem mantivemos a maior cordialidade no plano material — frisa o autor o 40.º dia de atuação da Caravana. Quarenta dias exatissimos, em que nenhum de nós havia posto atenção!

* * *

No dia seguinte, um almoço muito íntimo e fraterno, na SOPA DOS POBRES. Uma gentileza sem nome e uma alta prova de pura fraternidade que os queridos irmãos mineiros oferecem aos três caravaneiros. E foram completadas quatro grandes mesas. Coube-nos a prece de graças por aquêle derradeiro ágape do extraordinário programa da Caravana da Fraternidade. O Noraldino de Castro faz o oferecimento do almoço, em nome de seus companheiros e a saudação aos caravaneiros. Francisco Spinelli agradece. Batem-se algumas chapas, para maior fixação material do acontecimento. Ambiente em tudo à alta do alto ideal que nos reunia alí, aguardando reunião maior, logo mais, à noite, na *União Espírita Mineira*.

* * *

E na reunião da noite, o primeiro relato de público do que fôra a Caravana da Fraternidade ao longo do Norte, desde Salvador a Manaus, com pousada e demora em todas as capitais e mais em Parnaíba.

A presidência da reunião, que atraiu assistentes para repletar, completamente, a séde da U. E. M coube ao venerando dr. Camilo Chaves. A prece inicial coube ao Carlos Jordão da Silva, que faz o primeiro relato, abrangendo as quatro primeiras cidades visitadas. Depois, Francisco Spinelli e nós. Entre um e outro relato, a atuação dos moços com números de arte, declamação e canto. Aliás, números apreciabilissimos, na escolha e na dição, essa coisa nem sempre comum em em programas semelhantes. O jovem Newton Boechat profere a prece de encerramento, com muita emoção e encerra-se a sessão.

* * *

Agora, a Mensagem de Emanuel e o Soneto de Amaral Ornelas.

Mensagem recebida em Pedro Leopoldo, em sessão no Centro Espírita «Luiz Gonzaga» a 11 de Dezembro de 1950, por intermédio de Francisco Candido Xavier, e destinados aos caravaneiros presentes:

Meus amigos, muita paz.

Jesus é o centro divino da verdade e do amor, em torno do qual gravitamos e progredimos.

Por se guardarem leais em torno d'Êle, unidos, não só nas plataformas verbalísticas, mas também na fraternidade real e no espírito de sacrifício, os cristãos da epopéia evangélica inicial, sofreram, lutaram e amaram, durante trezentos anos, esperando a renovação do mundo.

Hoje, o espetaculo é diferente. Não mais tronos da tirania na governança dos povos e não mais os circos de lama e sangue, exigindo a renúncia extrema nas angústias da sombra e da morte, mas, prevalecem dentro de nós, as fôrças escuras da perturbação e da desordem, reclamando o exercício de toda a nossa capa-

cidade de trabalho restaurador no mundo de nós mesmos.

Ha uma Terra diferente aguardando-nos os corações e as mãos na restauração da Vida e o Espiritismo Cristão, pelos espiritistas, é a luz que deve resplandecer para os tempos novos.

Daí, o imperativo de nossa unificação nos alicerces do serviço. Claro que a sintonia absoluta de todas as interpretações doutrinárias num fóco único de visão é realização impraticável e, por agora, impossível. Cada criatura contempla a natureza e o horizonte do ângulo em que se coloca. O semeador do vale não verá o mesmo jogo de luz no Céu, suscetível de ser identificado pelo observador do firmamento situado no monte.

Que os trabalhadores do bem sejam honrados na posição digna em que se colocam. O jovem é irmão do velho, e aquêle que ampara o alienado é companheiro do missionário que escreve um texto consolador. A Doutrina Redentora dos Espíritos é um edifício divino na Terra, e o servidor que traça paisagem simbólica e sublime no altar mais íntimo dêsse domicílio sagrado de fé, não póde ironizar o cooperador que empunha a picareta, nas bases da casa para sustentar-lhe a higiene, a segurança e a beleza, muitas vezes, com suor e lágrimas.

Cultuemos, acima de tudo, a solidariedade legítima. Nossa união portanto, ha de começar na luz da boa vontade.

Guardemos boa vontade uns para com os outros, aprendendo e servindo com o Senhor, e felicitando aos companheiros que se confiaram à tarefa sublime da confraternização, usando o próprio esfôrço.

Rogo ao Divino Mestre nos fortaleça e ajude a todos nós.

EMMANUEL.

Esta mensagem foi dirigida aos membros da «Caravana da Fraternidade», presentes à sessão: Prof. Leopoldo Machado, Carlos Jordão da Silva e Francisco Spinelli.

—

União

Aos queridos irmãos Leopoldo Machado, Francisco Spinelli, Carlos Jordão, no 40.º dia de nossa tarefa de unificação fraternal.

Unamo-nos, irmãos, enquanto fulge o dia,
Guiando o arado à frente, em plena pri-
[mavera
Pela Fraternidade, a fé nobre e sincera
Edifica, entre nós, o Reino da Harmonia.

O Espiritismo é a luz que se eleva e anuncia
A Nova Humanidade ao sol da Nova Era,
No Evangelho do Amor, que salva e re-
[genera
Para a renovação da perpétua alegria.

De mãos dadas a Cristo, unidos venceremos,
Na excelsa direção dos Páramos Supremos
Onde a Vida Imortal é fúlgido destino!

O Céu espera em nós, para a glória do
[mundo,
Um rebanho sómente em trabalho fecundo,
Uma fé soberana e um só pastor Divino.

Amaral Ornelas.

Psicografada por F. Candido Xavier — Pedro Leopoldo, em 11/11/1950.

Necrológio

Antonio Alves Ferreira

Desincarnou Antonio Alves Ferreira. Foi um acontecimento a bem dizer prematuro, pois que a sua idade não era avançada.

A crise, de ha tempos, porque passou a sua saúde, atenuara-se sobremaneira, entrando em franca e visivel convalescença. Por duas vezes adoecera gravemente, sob a ameaça de um derrame cerebral. O perigo tinha sido afastado, com os cuidados médicos, as preces dos seus parentes, amigos e confrades e com a sua fé amadurecida. Ha mêses que sofria. No dia 25 de setembro, já melhor e denotando boa disposição, desejou passar uns dias em Nova Iguassú, em casa de uns parentes e amigos, a pretexto de repouso. Uma semana depois ou seja no dia 1 de Outubro, domingo, quís ouvír o programa Hora

Espiritualista «João Pinto de Souza, da Rádio Club do Brasil que, como se sabe, é irradiado pela manhã. Em seguida entrou no banheiro para barbear-se. Como estivesse se demorando, alguém tratou de ver o que havia de anormal. Não respondendo aos insistentes chamados, tratou-se de arrombar a porta. Êle estava caído, em estado de cõma, Chamada a assistência, uma ambulância o transportou, sem esperança de êxito, para a sua residência, em Vila Izabel, no Distrito Federal, onde veio a perecer, na quarta-feira seguinte, dia 4 do corrente. vítima da moléstia que o ameaçara.

A notícia do seu desenlace, nas primeiras horas do dia, não deixou de nos surpreender, mesmo sabendo-o em estado gravíssimo. E' que não podíamos conceber a sua partida tão cêdo, desta vida em que êle mesmo julgava ter ainda muito que fazer. Partiu serenamente, sem lamentações nem apreensões. Êle estava mais ou menos seguro do itinerário que teria de percorrer daí para o futuro... Sabia, com certeza, que a vida não seria interrompida, que continuava: que muitas tarefas o esperavam, em outro setor ignorado, mas inevitável, pois que onde ha vida ha luta e trabalho redentor. Antes da sua crise suprema, só externou uma aspiração veemente: trabalhar, de novo, no «André Luiz». Certamente que não estará privado de realizar êsse seu sincero desejo. De lá, onde se encontra, poderá ter êsse feliz ensejo!

O Ferreira era um espírita convicto, com uma folha larga de serviços prestados à Causa e à humanidade. Foi um dos esteios, do plano visível, do Grupo Espírita «Pedro», de Macaé, de que foi presidente por várias vezes. Ajudou a fundar e a erigir o «Asilo da Velhice Desamparada», daquela cidade fluminense. Foi um grande idealista e um enamorado da fraternidade humana. Não concebia Espiritismo sem fraternidade. Quando se apresentou um esbôço de congraçamento, dentro dos arraiais espíritas, o Ferreira se esforçava, tanto quanto podia, para que o entendimento e a harmonia imperassem nos redutos da 3.a Revelação. Foi um dos primeiros que se bateram pela unificação dos Centros Espíritas da terra que tanto amou e serviu, cujo resultado magnífico correspondeu à fundação da União Espírita Macaense, entidade que reune a totalidade das agremiações espíritas locais, a cuja diretoria pertenceu.

Desde os primórdios do movimento das Mocidades Espíritas, o Ferreira foi sempre um dos elementos mais entusiastas, colaborando de boa vontade para a consecussão dêsse desideratum. Deu também, todo o apôio e solidariedade á eclosão das Semanas Espíritas, tomando parte ativa, ainda que á custa de sacrifícios, nêsse admirável certame de confraternização espírita, projetado em múltiplas cidades brasileiras, havendo mesmo quem afirme ter sido êle um dos que primeiro se lembraram de tão simpático e útil movimento.

Forçado a residir no Rio de Janeiro, por fôrça de impositivos superiores, inclusive os profissionais, o Ferreira, espírito irrequieto e serviçal, que era, pensou logo em fundar um novo centro espírita a que pudesse entregar-se, com algumas afinidades, dedicada e abnegadamente, procurando fazer algo de benéfico e de alcance coletivo. A essa altura já nos queriamos muito. Haviamo-nos encontrado pela primeira vez, nesta vida, quando da minha atuação gerindo a Livraria da Federação. Foi numa tarde de um dia feliz, o nosso fortuito encontro! Já lá vão nove anos. Oportuna coincidência. Quisemo-nos bem desde o primeiro contacto. Êle foi-me dizendo parecer-lhe que me conhecia de outras vidas. Eu lhe respondi parecer-me conhece-lo de ha séculos! Desde êsse reencontro nunca deixamos de entender-nos. Até nas horas de agitação e tumulto nos compreendiamos!

Combinamos fundar uma igreja doméstica no seu lar—o Culto Bezerra de Menezes. O Jacques Aboab aderiu logo à idéia e com êle a Laís e a Lenice Teixeira Dias e outros mais excelentes companheiros. Eramos poucos, a princìpio, mas o número foi aumentando... aumentando sempre. As entidades espirituais começaram a pôr-se de permeio, expontâneamente, ás nossas atividades. Pensamos, de início, estudar apenas. Depois as coisas se foram complicando e... transformando, sem o sentirmos! Os guias foram-nos dizendo que a nossa missão não estava circunscrita áquêle recesso familiar... Resolvemos fundar um centro. A idéia corporificou-se e dela saíu o «André Luiz», à rua Moncorvo

Filho, 27, sobrado, a transferir-se, dentro em breve, para a sua séde própria, que tanta dor de cabeça tem dado aos que hoje estão à frente dessa instituição, localizada na Praça da Bandeira, à rua Jetibá. Todos sabem do elevado conceito que essa casa de oração e aprendizado espiritual alcançou. Pois bem, essa casa era a menina dos olhos do Ferreira! Foi êle o seu principal fundador e também o seu primeiro presidente. Serviu em várias diretorias, sem se importar com a natureza dos cargos: presidente, vice-presidente, secretário, conselheiro-fiscal e membro do Conselho Deliberativo.

O Ferreira foi um exemplar chefe de família. Sua esposa, nossa estimada confreira D. Euridice, adorava-o. Seus filhos e genros respeitavam-no e idolatravam-no ao mesmo tempo. Era um homem simples, calmo e refletido. Quando opinava, fazia-o sem afetação. Era um homem de bem, no sentido exáto do vocábulo. Fazia da modéstia um verdadeiro primado.

Desambicioso, viveu sempre moderada e acrimoniosamente, ás expensas exclusivas do seu trabalho honesto e cotidiano. Exercia a profissão de guarda-livros. Tinha uma desenvolvida noção do cumprimento dos deveres humanos. Possuía um índice razoavel de cultura geral, embora não fosse um douto. Escrevia corretamente. Dirigiu, com sucesso, o periódico doutrinário «Macaé Espírita». Exerceu a oratória.

O Ferreira não deixou fortuna material, mas legou um patrimônio moral, de virtudes e exemplos dignificantes, aos seus familiares, aos amigos e aos pósteros.

Soubemos que já se comunicou com os amigos que deixou na Terra, em reunião íntima. Isto prova suficientemente a sua situação favorável no plano em que se encontra e o seu razoável grau de adiantamento espiritual.

Que o Senhor das Bençãos o abençôe; que o Mestre dos mestres o ilumine e guie, *omnia seculo secularum. Amen.*

Amadeu Santos.

Rio, 22 de Outubro de 1950,

João Batista Chagas

A fileira espírita acaba de ser novamente desfalcada com o passamento de um dos mais devotados propagandistas da Doutrina Espírita,—o nosso estimado companheiro João Batista Chagas, que desincarnou na madrugada do dia 4 de Março último.

A notícia nos causou surprêsa, porque ha uns cinco dias antes, receberamos um bilhete seu nos recomendando a publicação de uma notícia escrita por um confrade a respeito da Quinta Semana Espírita de Nova Iguassú, o que fizemos na edição de «O Clarim» do dia 10 do mesmo mês.

João Batista Chagas era assíduo colaborador de «Revista Internacional do Espiritismo». Os seus artigos, que o apontavam como um dos mais profundos conhecedores da Doutrina, eram geralmente apreciados. Seu estílo, sua argumentação, seu senso de crítica, o faziam marchar na vanguarda dos mais cultos escritores espíritas. Na arena da imprensa espírita foi um dos que mais produziu, pois os seus artigos eram vistos em quasi todas as publicações do país e do estrangeiro. Tomava parte saliente em todos os movimentos espíritas da Capital Federal e cidades circunvizinhas. Foi um trabalhador incansável na difusão da Doutrina, razão por que o seu passamento abriu na fileira espírita um claro difícil de ser preenchido.

Em Mesquita, Estado do Rio, fundou o Centro Espírita «Estrada de Damasco», que dirigiu com eficiência e invulgar carinho.

Residia em Nova Iguassú, onde desincarnou.

O féretro, que saíu de sua residência, à Rua Antonio Carlos n.° 186, foi acompanhado por centenas de confrades que alí foram num testemunho eloquente e inequívoco de solidariedade cristã.

Deixa viuva a exma. sra. d. Aurea Chagas, com dois filhos: Auriléa, de 12 anos, e Aureo, de 22 anos de idade.

Elevando nossos pensamentos, numa prece fervorosa, solicitamos a Jesus que envolva em seu manto de luz o espírito do nosso estimado companheiro J. B. Chagas, proporcionando-lhe paz, progresso e felicidade.

A vossa felicidade tem por pedestal a felicidade dos vossos semelhantes. — L. B.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
Interpretação do Apocalipse
Caminho, Verdade e Vida
Pão Nosso
Na Escola do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
Visões Grandiosas nos Áres
O Espiritismo e os Problemas Humanos
Africanismo e Espiritismo
Fenômenos de «Transporte»
Umbanda em Julgamento
Espiritismo e Medicina
Novos Rumos à Medicina 1.º e 2.º vs.
Erros Doutrinários
Depois da Morte
Cientismo e Espiritismo
O Homem colaborador de Deus
Sessões Práticas do Espiritismo
Síntese de O Novo Testamento
No Invisível
Além das Fronteiras do Mundo

Romances:

Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Redenção
Caminho do Meio (O)
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Spiritus Maledictus
Vingança do Judeu (A)
Expiação
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
Herança do Pecado
O Pharaó Mernephtah
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores

Infantís:

Os Dez Mandamentos
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
Mensagem do Pequeno Morto
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças
História de Catarina

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$ 40,00
	Semestre	— ,, ,,	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	50,00
	Semestre	— ,, ,,	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	45,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	60,00

NUMERO AVULSO CR. $ 3,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—:. Rio de Janeiro